

Um pedido ao governo: 'Verdade sem anestesia'

Da sucursal do
RIO

O presidente da Confederação Nacional do Comércio, Antônio de Oliveira Santos, exortou ontem o governo federal a contar "sem anestésicos" a verdadeira situação do País, advertindo que "a tentativa de retardar a hora da verdade obriga o governo a corrigir rumos numa taquicardia incompatível com qualquer planejamento empresarial".

Ao falar no jantar de homenagem ao ministro do Planejamento Delfim Netto, realizado ontem no Rio, o presidente da CNC referiu-se ao clima de desconfiança recíproca entre o governo e o empresariado, provocado pelas atuais dificuldades econômicas. "O governo castiga o empresariado com a incerteza, a apreza nas declarações e com o fechamento ao diálogo. O empresariado responde com descrédito e com a oposição às medidas e indicações das autoridades", disse Oliveira Santos.

Qualquer sociedade pode aceitar os sacrifícios que lhe forem pedidos, sob uma condição: que o compreenda", enfatizou o presidente do CNC. E lembrou que na adolescência da abertura democrática, as verdades amortecidas se transformam num caudal de boatos e fontes de desinformação, reconhecendo, contudo, que em época de turbulências, o governo não pode fixar regras imutáveis do jogo "como se estivéssemos em condições de ser guiados por um piloto automático".

"TODOS ERRARAM"

Tanto os empresários erraram, disse o presidente da CNC, como o governo errou. "Empresários erraram ao não perceber a tempo que o mundo havia mudado e que o Brasil, como parte do Planeta, não poderia ser imune às crises internacionais. O governo errou vendendo à opinião pública um otimismo que era tão pertinente em 1970 quanto anacrônico dez anos depois. Mais ainda, pelo menos em certa época, nos solidarizamos no erro, pisando no acelerador quando era hora de pisar no freio."

Em seu pronunciamento, o presidente da CNC assinalou que "o que precisamos, a esta altura, não é sumariar culpas de lado a lado, mas

capitalizar os erros em aprendizado. Os empresários precisam conscientizar-se de que, em matéria de economia, não há mágica nem milagre. Não há desenvolvimento que se sustente sem trabalho árduo, como não há ajuste do balanço de pagamentos que se consiga sem sacrifícios da renda real".

No discurso perante o ministro Delfim Netto, mostrou o presidente da CNC que uma das consequências da maxidesvalorização cambial do cruzeiro é que "em dólares ficamos mais pobres, os trabalhadores nos salários, os capitalistas nos lucros e no valor dos seus ativos". Para Oliveira Santos, "o problema da sociedade brasileira não é fugir a esse empobrecimento temporário, pois não há como escapar às fatalidades aritméticas, mas repartir equitativamente os sacrifícios entre todos os grupos sociais e criar as meias bases para nova base sustentada de crescimento econômico".